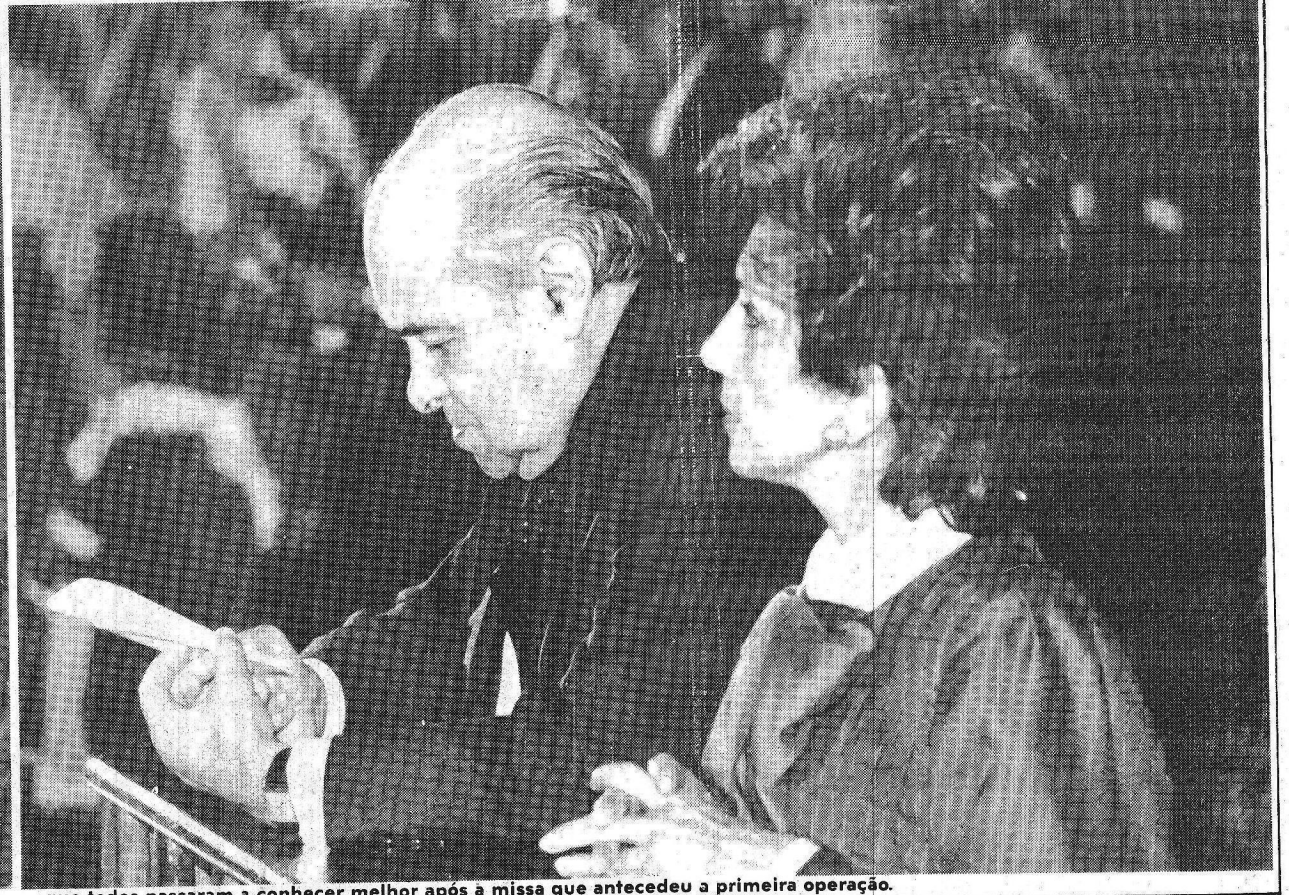




Nos últimos dias — como em São João, no enterro — a fibra...



... que todos passaram a conhecer melhor após a missa que antecedeu a primeira operação.

A mulher que conquistou o Brasil

Dona Risoleta sempre foi conhecida por "dar as cartas". No drama de Tancredo e do País, ela mostrou toda sua força. "Uma mulher extraordinária", disse Sarney.

Texto de Marcos Faerman.

Tancredo Biografia

George Raft não deu os vôos ousados de Errol Flynn, não manejou a espada como Lionel Barrymore, mas teve, pelos anos 30, fás pelo mundo inteiro, e uma delas foi uma mocinha mineira chamada Risoleta. Duas fitas da Paramount fizeram furor naquele tempo, uma era **Se Eu Tivesse um Milhão**, a outra, **Scarface**, e, nas duas, estava George Raft — e aquela menina mineira encantava-se. E encantava-se tanto com o Raft, ingênuo como um mineiro do Interior, que descobre um milhão de dólares numa rua de Nova York, e trema tanto, na hora de descontar um cheque — pois se tratava de um cheque — que perde tudo — como com o "Scarface", o **gangster** que se apaixonou e rouba a namorada do próprio, do terrível Al Capone. Aí, a mocinha conheceu um rapaz de São João del Rey, que achou parecido com George Raft, um rapaz que tinha 26 anos, e já era advogado de nome, presidente da Câmara, já tinha uma pequena indústria. O George Raft de São João del Rey era Tancredo Neves — e vocês já sabem que eles casaram, não?

Por que tanta paixão?

Risoleta era a moça mais bonita de Cláudio, cidadezinha próxima de Belo Horizonte, e o advogado ficou louco por ela, como eram loucos por ela rapazes de um bocado de cidades, ainda mais depois que desfilou, **Rainha do Carnaval**, num carro, cercado por rapazes vestidos de romanos. Ela era uma mocinha ousada! A mocinha mais ousada, mais moderna daqueles lados, até dirigiu o seu carro, quando mulheres não pensavam nisso, claro. Ainda mais uma moça nascida numa fazenda, na Fazenda da Mata e sobrinha do rico coronel Onias. Ah, o coronel tinha paixão por esta menina, a única menina na casa de dona Quita, tão cedo viuva do pai de Risoleta, seu Quinto. E se o pai, Quinto Alves Tolentino, era um mascate de Lençóis do Rio Verde, na Bahia, que foi morar em Minas, a mãe, dona Maria Inês Guimarães Tolentino, era filha de família tradicional das Minas Gerais. Dizem que se, mais tarde, apareceu uma dona Risoleta tão forte, é porque ela foi filha desta dona Quita, desta mulher que não hesitava em pegar cavalo e percorrer tanta roça, olhando de cima o arroz, o milho, conferindo saca por saca do café — cuidando de tantos filhos. E não tem um Tolentino, lá de Cláudio, que não é chamado de descendente de dona Quita, de dona Quita que morreu aos 91 anos, e lúcida — vendo todos os de sua geração chamados de "povo de dona Quita". E lá em Cláudio, lá, por mais que batesse o vento da celebridade precoce do jovem advogado que conquistou a mão de Risoleta, lá, ele era chamado de "genro de dona Quita".

Uma força tamanha

Além do mais, até 1981, ano de sua morte, dona Quita era uma espécie de chefe política de Cláudio. Não tinha parente que concorresse a qualquer posto, sem que dona Quita saísse fazendo a sua política, é lógico. Em uma conversa com a repórter Rosângela Guerra, de "O Estado de Minas" (que descobriu muitos segredos de dona Risoleta, uma senhora que sempre foi muito reservada, como se sabe), pois numa conversa com esta repórter, Francisca Rocha Tolentini, de 57 anos, há dez desquitada de Múcio, irmão mais novo de Risoleta, disse que a esposa do doutor Tancredo era "franca como dona Quita". E, na casa de Tancredo, "quem dava as cartas era Risoleta". Foi dona Risoleta quem estimulou, sempre, dona Francisca, apesar de ter 12 filhos, a estudar, e foi assim que dona Francisca ganhou o diploma de Direito... aos cinquenta anos de idade! E, se quiserem saber, o anel de grau de formatura que

dona Francisca tem no dedo foi dado por dona Risoleta. "Ela sempre teve idéias avançadas", foi o que disse dona Chiquinha. Era bonita, rica, cheia de viagens, e que adiantava o padre não gostar? — Risoleta foi das primeiras moças da região a botar calças compridas. Era assim que montava o belo cavalo Rouxinol. E aquela vez que mandou fazer um campo de vôlei, o primeiro campo de vôlei de Cláudio? E o carro alegórico em forma de barco, em que se relembra a menina desfilando num carnaval? E os vestidos finos, as idéias, o que trazia do Rio de Janeiro? Mesmo assim, namoro, namoro firme, não há quem lembre outro, só com o doutor Tancredo.

Um belo partido

E que belo partido era aquele jovem advogado, temido porque não era de perder causa. E porque só fazia acordo com a outra parte se fosse desejo expresso do seu cliente! Tinha uma aura de herói, também, sempre a defender gente mais humilde. E, lá em 1936, nós vamos ver os ferroviários em greve e o doutor Tancredo — advogado da classe — sendo levado para a cadeia por um delegado arbitrário. O delegado queria intimidar Tancredo Neves e os ferroviários. Não intimidou nem um nem os outros. E este Tancredo jovem era igualzinho ao Tancredo mais velho, já ministro de Getúlio, primeiro ministro de Jango, ou presidente do Brasil. Escutava as ponderações do adversário em silêncio, passando a mão direita no rosto, mas movimentando os lábios, silenciosamente. Um advogado de São João del Rey, seu conhecido dos velhos tempos, falou, brincando, sobre esta mania tão antiga do doutor Tancredo, para o repórter Ricardo Batista do Amaral, de **O Globo**: "É o Tancredo mau brigando com o Tancredo bom". Foi com este rapaz, tão parecido com George Raft, que Risoleta casou. As amigas cantaram "Ave Maria" de Gounod. As flores vieram de Barbacena, encomendadas por dona Quita. Era a primeira vez que uma noiva da cidade chegava ao altar pisando numa passarela branca estendida igreja a fora. Ele tinha 28 anos, ela tinha 21 anos — e a festa marcou a história da Fazenda da Mata.

Em Cláudio, em São João del Rey, o que todos dizem é que dona Risoleta sempre foi muito simples. Um testemunho é o de Ermelinda Cunha Souza, uma senhora de 67 anos, que foi criada por dona Quita. Dona Ermelinda lembra que quando nascia um dos seus filhos — e foram três — "ela mesmo flambava a bacia e cobria a cama com lençol branco esperando a hora do parto". Maria do Carmo, Inês Maria e Tancredo Augusto, os filhos, lhe deram oito netos — e, de todos, ela foi a chefe simples, enérgica. Os filhos sabiam que o pai era o grande líder político fora de casa. Mas em casa, a grande e indiscutida liderança era a da mãe. Não só os filhos mas os amigos do casal sabiam que Tancredo Neves confiava — em termos absolutos — a educação dos filhos à esposa. Acordando muito cedo, às seis da manhã, ela manteve por toda a vida o hábito de fazer o café da manhã para o marido — e de arrumar suas malas — nas constantes viagens. Ainda cedo, ela decidia o cardápio do almoço e da janta, e transmitia as ordens para a cozinheira, mas nunca foi de cozinhar. Não se metia em política, e não opinava, quando o marido recebia em sua casa os seus correligionários. Mas nunca deixou de ser gentil com um deles, mesmo que a hora fosse pouco indicada para uma visita. Tudo fazia parte de um ritual, do tipo de vida que estava reservado, tanto na opinião de dona Risoleta como do seu marido para uma "mulher de político".

Um poder silencioso?

No tempo em que Tancredo Neves foi

primeiro ministro, na breve experiência do parlamentarismo, quando Jango foi presidente, Mauro Salles morou com o casal na Granja do Ipê. Ele contou com a repórter Rosângela Guerra o que chamou de "extrema autoridade" de dona Risoleta em sua casa — uma espécie de poder acima de qualquer discussão. "Ela sabe preservar seu espaço — comentou Mauro Salles —, defende mineiramente o primado do valor da família, mantém suas amizades completamente desvinculadas do poder e, principalmente, só comenta sobre política quando nenhum político estiver por perto". Além do mais, sempre que um repórter — ou um político — pedia a opinião de dona Risoleta sobre alguma coisa ligada à política, a qualquer coisa que fosse do reino de Tancredo, ela olhava discretamente para o marido. E silenciava.

Mas — dizem — dona Risoleta não ficou contente quando seu marido resolveu concorrer ao governo de Minas, pela segunda vez — nesta vez em que seria vitorioso. Num lance político que, para alguns, já trazia implícita a disposição de ser candidato, mais tarde, à Presidência da República. A sempre silenciosa esposa teria reclamado, protestado. Ter-lhe-ia dito — um pouco brincando, um pouco séria — que iria para um convento se isto



acontecisse. Na verdade, embora se elogiasse a saúde do marido, ela achava que, depois dos setenta anos, devia ter mais cuidado com a sua própria pessoa. Começou até a acontecer de Tancredo viajar de surpresa, sem avisá-la — porque ela se preocupava, tentava protegê-lo e isto era um aborrecimento, um pequeno aborrecimento para os dois.

Razões de orgulho (I)

Eram pequenas questões que circulavam em rumores por esta discreta família. Tancredo Neves tinha — e isto se ouvia sempre, nas rodas mais íntimas — tanto orgulho de sua esposa. Orgulhava-se do gosto com que ela decorava as várias casas do casal — aquela da Fazenda, com as recordações da família, o casarão de São João del Rey, o apartamento do Rio, ou as casas oficiais — cenários que o talento do marido ia conquistando. Estivesse onde estivesse, Tancredo Neves sabia que podia dirigir-se a qualquer uma de suas casas que nelas encontraria tudo em ordem. Pelo telefone, dona Risoleta sempre comandou **tudo** — e nunca faltaria para o marido a camisa lavada ou os espaços da vida do marido bem ao seu gosto. As poltronas, as telas, as luzes bem do jeito que o marido gostava. Mais tarde, até no quarto andar do Instituto do Coração, em São Paulo, para onde o marido seria levado, por sua doença — até ali tudo foi disposto segundo o gosto de dona Risoleta. Ou seja, segundo o gosto de

Tancredo Neves. Porque a afinidade dos dois sempre foi percebida pelos amigos. "Eles fazem uma autêntica dobradinha" — dizia uma amiga mineira dos velhos tempos. E quem não notava que eles gostavam igualmente de música erudita, de Bach, de Beethoven? Que eles amavam arte sacra e não gostavam de marinhas? (segundo Tancredo, marinhas davam azar...) Que Milton Nascimento ou a soprano mineira Maria Lúcia Godoy sempre os emocionaram. Ou que eles cumprimentaram com a mesma emoção Fernanda Montenegro, depois de sua admirável performance em "As Lágrimas Amargas de Petra von Kant"?

Tanto silêncio

Assim, sempre, e discretamente, às dez horas da noite ela ia dormir — tudo isso num tempo em que ainda tinha a companhia de seu marido. Se recolhia, dedicava algum tempo a biografias ou a Eça de Queiroz ou Machado de Assis. Quem sabe um pouco de Drummond de Andrade? Ou de Manuel Bandeira? No tempo em que seu marido foi governador de Minas, se reservou com intensidade à assistência social, mas teve o cuidado de manter nas instituições oficiais as mesmas pessoas que encontrou. Dizia — em voz baixa, para ser ouvida só por suas auxiliares — que "a violência que hoje assola o País tem suas causas no desemprego, na fome e no desespero do povo". Muito religiosa, via no amparo a cada criança das ruas uma coisa que ligava os homens ao próprio Deus. Esta era uma missão divina. E, quando o marido foi eleito presidente, mostrou um pouco do que seria a sua presença como primeira-dama em sua viagem ao estrangeiro. Não era mulher de ostentação. Usava poucas jóias. Vestia com determinação de ser elegante mas sempre trajava **tailleur** sobrios ou **chemises** de seda importada. Sem arrogância, sem luxos. Dos tempos de internato, numa severa escola católica, aprendera com as freirinhas o encanto da economia e da prudência. Bete Rezende, sua costureira particular, lembra que uma das frases favoritas de dona Risoleta é "a linha que se tira da bainha pode ser usada no arremate". Então, os repórteres descobriram, perplexos, que tinhamos, agora, uma primeira-dama que não se dedicava a comprar um milhão de coisas no Exterior. As malas de couro Sansonite voltaram com o mesmo peso. Em toda a Europa, ela só comprou um vestido estilo chanel, num loja do hotel Ritz, em Lisboa, onde esteve hospedada. Em Roma, ela teve o desgosto de perceber que a capa com que ia viajar para Lisboa estava comprida demais. Recorreu ao seu estojo de costura, e, sozinha, refez a bainha!

Razões de orgulho (II)

É então que vêm os acontecimentos que sucedem o dia 14 de março de 1985 — tudo isso que nós seguimos pelos jornais, pelas revistas, pelas rádios, pelas TVs. E já no mês de abril, no dia 7, às vésperas da Páscoa, que todos os brasileiros começaram a descobrir dona Risoleta. Isso aconteceu na Sexta-Feira Santa. No Instituto do Coração, o cartunista Ziraldo e o jornalista Renato Martins acabavam de ler "Polegar para cima", do padre Orlindo Pegoraro. Começava uma encenação da Via Sacra, que tinha como intérpretes quatro freiras e 25 membros das famílias Tolentino e Neves. Dona Risoleta levanta-se e sai do silêncio de quase toda a vida. Há uma espécie de assombro.

Razões de orgulho (III)

Frei Beto, conselheiro espiritual da família, nestes dias de São Paulo, instiga a dama até então silenciosa: fale! "O povo brasileiro tem o direito de ouvir isto." E ouvirá. Ela falou às pessoas que oravam por seu marido contando uma parábola,

pedindo esperança, e condenando "pessoas que têm uma amargura permanente e depois de ouvirem as notícias verdadeiras, lançam notícias falsas". Logo, jornais de todo o País começaram a dizer que tinhamos "uma verdadeira primeira-dama". Era como se um encanto tivesse sido quebrado pela própria doença do marido — e depois pela sua morte. E é aí que se verá, num segundo momento absolutamente grandioso, aquela mulher que subia no avião que levava o corpo de seu marido para Brasília parar na escada, acenar para a multidão, lhe mandar um beijo. E seguem-se os episódios de Brasília. As cenas da dama mais consolando do que sendo consolada. A sua presença ao lado do novo presidente e de sua esposa. Uma afirmação de majestade e nobreza. Até que vem a volta a Minas Gerais. Aquelas passagens enlouquecidas na frente do Palácio, em Belo Horizonte. Todos percebem que é impossível não haver uma tragédia. O governador Hélio Garcia fala inutilmente. Ninguém o ouve. Até que inesperadamente se ouve mais uma vez a silenciosa companheira de Tancredo Neves. Falando com as imagens, com um estilo, com a macieza e a força que evocavam Tancredo Neves. Assombro. "Mineiros! Mineiros! Minha gente, meu coração está em pedaços." Risoleta! Risoleta! — grita a multidão. Ela começa a evocar o marido, lembrando como ele falava desta mesma sacada. Daniele Mitterrand, a mulher de François Mitterrand, comenta imediatamente: "Estou impressionada com sua personalidade... E muito corajosa". E, agora, todos sabem que ela é muito corajosa. Em Brasília, o presidente Sarney fala que ela é "uma mulher extraordinária... Apesar do sofrimento, de tudo o que tem passado, ela ainda tem condições de transmitir muita força todas as vezes em que aparece em público". E, nesta hora, antes de seguir para São João del Rey, os médicos e a família estavam preocupados com a sua saúde. Ela não dormia, ela comia pouco, ela estava emocionada demais e não tomava seu calmante, **Vagotessil**. Por isso, teve nestes dias duas crises de taquicardia. Mas alguns familiares lembravam que dona Risoleta já havia suportado perdas terríveis, e de sua força nestas horas. Foi assim na morte do pai, quando tinha 14 anos, da mãe dona Quita, em 1982, do irmão Quintinho. E não era ela, no Instituto do Coração, que vigiava cada parente para não cometerem excessos nas lágrimas, na tristeza? Não foi ela que falou para duas sobrinhas que, se era para chorarem, não deviam nem ter vindo a São Paulo? Por tudo isto, quando o cortejo fúnebre chegou, finalmente, a São João del Rey, todos já sabiam, neste país, que "quem dava as cartas" era dona Risoleta. Ela ampliava o seu cenário da família, do mundo de Tancredo Neves, para todo o País. Agora, todos sabiam que aquela mulher tinha uma voz, que falava. Era ela que determinava a forma e as condições em que as coisas eram feitas. O corpo de seu marido ficaria exposto até o último olhar de um são-joanense — e quem ia contestar esta decisão de dona Risoleta? Quem ia negar seu direito de dizer o que dizia? E ela falava: "O cortejo deve seguir logo para a igreja — onde vocês terão a oportunidade de acariar o rosto de Tancredo e sentir a imensa falta que ele faz. Eu me despeço com o coração em pedaços e peço que, com a maior calma, vocês se dirijam para a igreja. Ele estará esperando vocês com a expressão calma. Vejam, pela última vez, a sua expressão e guardem em seu coração essa imagem que não pode ser esquecida. Eu os amarei sempre, como Tancredo os amou".

Ela falava como se estivesse rezando. E todos acreditavam.